

A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS PSICOMOTORAS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL OBSERVADAS NUMA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL V DE UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE FORTALEZA-CE¹

Jecólia Remália de Moraes Ferreira¹

Larissa Nascimento Borges²

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade discutir a importância da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil, partindo de uma experiência vivenciada durante uma visita a uma turma de Educação Infantil V de uma escola Municipal de Fortaleza- CE. Essa visita teve como objetivo oportunizar uma vivência lúdica que trabalhasse o cognitivo, a afetividade e a motricidade, estimulando a exploração do corpo e a externalização das emoções a partir do movimento e da interação. A vivência ocorreu em quatro momentos. No primeiro momento foi realizada uma dinâmica de apresentação através da brincadeira da batata quente. No segundo momento realizou-se uma dinâmica com duas partes, o espelho das emoções e espelho do corpo. Posteriormente, realizou-se uma brincadeira chamada de dança das cores, uma espécie de *Just dance* sem vídeo games. Para finalizar, realizamos um momento de relaxamento para devolver a turma tranquila para a professora. Para construção de dados, valeu-se das observações feitas durante visita e da análise da efetivação da prática de intervenção realizada com as crianças. Como fundamentação teórica utilizou-se a teoria interacionista de Lev Vygotsky (apud IVIC, 2010), a afetividade para Henri Wallon (apud GALVÃO, 1987), a importância da ludicidade para Carvalho (1992) e alguns documentos oficiais que regem a educação brasileira. A partir da experiência percebeu-se que, ainda que seja indispensável para formação infantil, a prática psicomotora é escassa e negligenciada na sala de aula regular devido às demandas que o professor tem que dar conta e à falta de formação adequada do mesmo.

Palavras Chaves: Psicomotricidade, Desenvolvimento Infantil, Ludicidade, Emoções, Interação.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, jecolia.remalia@gmail.com

² Graduanda no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, larissanborgess@gmail.com

Pensar em aprendizagem é pensar em um processo que ocorre gradualmente e que é provocado por um conjunto diverso de aspectos e de habilidades. Para que a criança tenha uma boa aprendizagem é necessário que a mesma passe por um processo de desenvolvimento integral, ou seja, que seja estimulada em todas as áreas – motora, cognitiva e afetiva. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010, pg. 25), um dos eixos que deve nortear as práticas pedagógicas para esta modalidade tem de oportunizar experiências que “promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.” Dessa forma, é indispensável que a criança conheça seu corpo e também conheça o mundo e as pessoas a sua volta. Assim, é preciso se pensar em atividades que integrem todas essas experiências para que se alcance o estímulo necessário para um desenvolvimento completo da criança, já que esses fatores são as condições mínimas para uma boa aprendizagem. De acordo com FREIRE:

Corpo e mente deve ser entendida como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter um assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar. Por causa dessa concepção de que a escola só deve mobilizar a mente, o corpo fica reduzido a um estorvo que, quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará (FREIRE; 1989, p. 13).

Posto isto, este trabalho se propôs a discutir acerca da importância da psicomotricidade na primeira etapa da educação básica. Buscou-se, assim, entender a seguinte problemática: qual a relevância das práticas psicomotoras para o desenvolvimento da criança na educação infantil? Para responder a esse questionamento objetivamos promover uma ação de cunho pedagógico que oportunizasse uma vivência que envolvesse os aspectos cognitivos, motores e afetivos aliados à ludicidade. Para embasamento teórico utilizamos os documentos oficiais que regem a educação brasileira e teóricos que discutem sobre o desenvolvimento infantil e sobre a importância da ludicidade e da psicomotricidade nessa fase da vida. Para construção de dados utilizamos o método de pesquisa qualitativa, uma vez que se busca analisar aspectos que não podem ser expressos por meio da quantificação. As pesquisas qualitativas são mais adequadas para investigar os fenômenos humanos, para que “tentemos conhecer as motivações, as representações, consideremos os valores, [...] (LAVILLE E DIONNE, 1999, p. 43). Durante a pesquisa, foi possível fazer uso também do método da observação, uma vez que se almejava observar a interação das crianças umas com as outras e conosco e perceber como elas iriam lidar com a presença de pessoas atípicas no seu ambiente, além de constatar como participariam das nossas atividades.

Para mais, nosso lócus de pesquisa foi uma sala de aula de educação infantil V de uma escola pública do município de Fortaleza-CE.. Cabe aqui fazer uma breve descrição a respeito do perfil dos sujeitos da turma que visitamos. Tratam-se de crianças de uma faixa etária entre 5 e 6 anos, que estão cursando a educação infantil nível V, oriundos de um contexto social, econômico e cultural predominante das classe menos favorecidas. Aparentemente não observamos a presença de nenhum aluno com deficiência, os mais aquém da vivência foram somente dois alunos que apresentaram resistência durante uma das atividades desenvolvidas. A análise dos dados e os desdobramentos constatados serão abordados a seguir.

METODOLOGIA

A visita foi realizada em uma turma de Educação Infantil V do Município de Fortaleza-CE. A turma continha cerca de 20 crianças e apenas uma professora. Inicialmente fomos direcionadas para a sala de aula regular, por volta das 15 horas. Os alunos acabavam de voltar do recreio e se preparavam para iniciar o lanche da tarde. Enquanto os pequenos eram alimentados, foi necessário dobrar a velocidade da organização do material da atividade, para que, quando eles retornassem, fossem logo iniciadas as dinâmicas. Toda a oficina foi composta por três atividades e um momento final de relaxamento. A primeira atividade realizada foi a batata quente. Essa brincadeira foi utilizada para iniciar a vivência com os alunos e para que eles pudessem se adaptar a nossa presença e já começassem a perder a timidez. Basicamente, a atividade foi realizada com as crianças dispostas em círculo e com uso de uma música de fundo e de um urso, o qual eles chamaram de Micael. Nessa dinâmica os alunos passavam o objeto de mão em mão e, quando a música parasse, a criança que tivesse com o objeto deveria falar seu nome e sua idade.

Posteriormente, partimos para a segunda atividade, o jogo dos espelhos, composta por duas partes. Na primeira parte da atividade foi feita o espelho das emoções e na segunda o espelho do corpo. O espelho foi realizado com base na concepção de reflexo, de forma que os alunos foram agrupados em pares e colocados frente a frente. No espelho das emoções foi colocada uma música de fundo e foram sendo mostradas plaquinhas com expressões faciais de triste, alegre, com raiva e indiferente. Um dos alunos da dupla era o aluno guia, responsável por imitar a expressão mostrada na plaquinha para que o seu outro colega, o espelho, a refletisse da forma mais fiel possível.

No espelho do corpo utilizamos o mesmo modelo de organização dos alunos, onde os alunos permaneceram frente a frente, porém modificamos alguns aspectos da metodologia.

Colocamos a música estátua, da Xuxa, e orientamos aos alunos guia que dançassem livremente. Consequentemente, o espelho deveria refletir todos os movimentos que seu guia fazia, sendo que na parte da estátua o reflexo da mesma deveria ser uma cópia fiel.

Após a dinâmica dos espelhos, realizamos a dança das cores. A realização dessa atividade exigiu uma maior atenção por demandar uma certa quantidade de materiais e uma organização criteriosa dos mesmos. Os materiais consistiam em quatro pedaços de TNT de quatro cores diferentes – verde, amarelo, azul e vermelho – que seriam colocados em forma de tabuleiro, formando um quadrado com um espaço no centro. Cada criança deve ficar no centro do seu tabuleiro. Estando o aluno no centro das quatro cores, deveria aguardar os comandos para que, de maneira habilidosa, colocasse sobre a cor indicada as mais diversas partes do seu corpo, conforme fosse solicitado (Por exemplo: cotovelo no azul e pé esquerdo no verde)

Concluída as três brincadeiras, os alunos encontravam-se um pouco exaustos, mas ainda com muita energia e agitados. Então, com a finalidade de terminar a atividade de maneira harmoniosa e para prepara-los para voltar para sua rotina de aula de forma tranquila, fizemos um momento de relaxamento. Nesse último momento, colocamos uma música de fundo mais calma e realizamos alguns alongamentos que trabalhavam o relaxamento do físico em conjunto com a respiração, garantindo aos alunos um maior descanso e preparo para quaisquer outras possíveis atividades posteriores a nossa saída. Após o alongamento, convidamos as crianças a deitar no tapete de EVA que tinha na sala e procuramos deixar a sala com o mínimo de luz possível, orientando-os a fecharem os olhos e ficarem em silêncio, apenas ouvindo a música. Com isso nos despedimos e entregamos a turma calma para a professora.

DESENVOLVIMENTO

Se torna indispensável compreender que a escola desempenha um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano no sentido de quebrar esse estigma de que somente o cognitivo importa, esquecendo-se das outras particularidades do indivíduo. Ela surge nesse contexto como uma das principais responsáveis por oportunizar as condições propícias necessárias para que os indivíduos que ali estão inseridos se desenvolvam de forma plena. Na educação infantil é necessário que o indivíduo seja estimulado em todos os seus aspectos para ter uma formação integral. É durante esse ciclo escolar que a criança começa uma trajetória de conhecimento do corpo, exploração dos seus limites, das suas potencialidades e dos perigos que o ambiente externo pode lhe oferecer. Assim, é de suma importância que o ambiente escolar

disponha de uma variedade de ambientes e de contextos nos quais as crianças vão poder desenvolver diferentes aprendizagens rumo à completude da sua evolução.

Nesse sentido, é imprescindível a atuação dos princípios trabalhados pela psicomotricidade na educação infantil. De acordo com a Associação Brasileira de Psicomotricidade, podemos defini-la da seguinte maneira:

Psicomotricidade é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. É sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto. (ABP, 1999)

Como apontado acima, o desenvolvimento psicomotor é sustentado pelo movimento, pelo intelecto e pela afetividade. Assim, esse segmento tem como intuito propiciar, primeiramente, o autoconhecimento e a construção da identidade pela criança, além de promover o desenvolvimento de sua autonomia e de sua criatividade e enriquecer suas relações sociais por meio das interações.

Um outro aspecto importante para salientar é que os movimentos, em determinadas etapas da vida da criança e dependendo da fase de desenvolvimento no qual ela se encontra, podem representar também o meio de canalização das emoções, uma vez que essas podem não conseguir expressá-las pela fala. A criança fala com seu corpo. A respeito disso, Henri Wallon (apud GALVÃO, 1987, pg. 51) aborda que:

“É pela interação com os objetivos e com seu próprio corpo – em atitudes como colocar o dedo nas orelhas, pegar os pés, segurar uma mão com a outra – que a criança estabelece relações entre seus movimentos e suas sensações e experimenta, sistematicamente, a diferença de sensibilidade existente entre o que pertence ao mundo exterior e o que pertence ao seu próprio corpo. Por essas experiências torna-se capaz de reconhecer, no plano das sensações, os limites do seu corpo, isto é, constrói-se o recorte corporal.”

Dessa maneira podemos levar em consideração que a brincadeira pode ser apreendida pela criança como uma espécie de válvula de escape para aquilo que ela sente, mas por vezes não conseguem ainda externalizar por meio da linguagem. Para MOREIRA (1995, p. 85):

“A criança é movimento em tudo o que faz, pensa e sente. O seu corpo presente é ativo em todas as situações e em todos os momentos. Ele, o corpo, dialoga todo o tempo com todos que o cercam. Desde uma brincadeira como pega-pega, até as formações em roda ou em colunas, posso notar que o corpo, por meio dos movimentos, denota sentimentos e emoções.”

Para mais, também cabe aqui destacar que muitas atividades psicomotoras são realizadas em grupo, o que favorece a interação entre as crianças e possibilita o conhecimento de si e do outro. Nas abordagens sociointeracionistas de Lev Vygotsky (apud IVIC, 2015, pg.

16), por exemplo, a perspectiva da interação social aparece como um pilar primordial para desenvolvimento da criança. O autor vai defender que um indivíduo só se desenvolve a partir do momento que se põe a interagir com outros sujeitos da mesma faixa etária e/ou mais experientes. Segundo Vygotsky (apud IVIC, 2015, pg. 16) “[...] é por meio de outros, por intermédio do adulto que a criança se envolve em suas atividades. Absolutamente, tudo no comportamento da criança está fundido, enraizado no social.” Assim, para o psicólogo, é através das relações construídas sociohistoricamente que as crianças se conhecem e compreendem o mundo ao seu redor e, a partir de sua realidade, constrói seus próprios conhecimentos e vai se desenvolvendo em todos os sentidos. Nessa perspectiva o desenvolvimento e a aprendizagem são vistos como processos interdependentes e recíprocos, de forma que não há uma justaposição dos dois, uma vez que um proporciona o outro, geralmente, em igual medida.

Partindo do que foi apresentado acima, também se mostra de extrema importância que se incorpore a ludicidade às práticas psicomotoras, visando cada vez mais o fortalecimento das mesmas. Silva Jr. (2000) defende que a aprendizagem é mais eficaz quando é divertida. Assim, um dos principais objetivos das atividades realizadas pelo grupo era promover um momento diferente e divertido para as crianças, utilizando metodologias lúdicas para estimulá-las a explorar seu corpo usando sua criatividade. Acerca disso, CARVALHO (1992, pg. 14) defende que:

[...] desde muito cedo o jogo na vida da criança é de fundamental importância, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está a sua volta, através de esforços físicos e mentais e sem se sentir coagida pelo adulto, começa a ter sentimentos de liberdade, portanto, real valor e atenção as atividades vivenciadas naquele instante.

Partindo disso, também podemos analisar que a incorporação de jogos e brincadeiras lúdicas além de trabalharem a motricidade, a cognição e afetividade auxiliam no desenvolvimento de funções como memória, percepção, raciocínio e atenção, que são elementares para o desenvolvimento do sujeito. É por esse motivo que a ludicidade não pode ser considerada apenas como um método de distração e/ou diversão, mas como um fator primordial do aprendizado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desde a nossa chegada na sala de aula as crianças se demonstraram muito receptivas e era notável que elas estavam bastante animadas com a nossa presença. Devido a isso, elas colaboraram muito, sendo atenciosas e participando ativamente de todas as atividades.

Inicialmente, a realização da apresentação com a batata quente foi um pouco conturbada, pois, além de alguns alunos terem ficado um pouco inibidos para se apresentar, algumas vezes quando o objeto parava na mão desses alunos, os demais não os deixavam falar e acabavam tomando sua fala, o que fez com que a atividade demorasse um pouco mais que o estimado. Além disso, outra dificuldade enfrentada foi em relação ao espaço físico da sala, uma vez que essa era um pouco menor do que o esperado e ainda dispunham das mesas e cadeiras das crianças que, devido ao tempo, não puderam ser colocadas para fora. O pouco espaço das salas dificultou na atividade das cores, já que era preciso um espaço considerável para formamos um tabuleiro para cada aluno. Fora isso, ainda na atividade das cores, dois alunos não quiseram participar, pois acharam a atividade sem graça. Tentamos trazê-los para a brincadeira, mas infelizmente eles não quiseram. Vale ressaltar que essa foi a única atividade que algum aluno deixou de participar.

As dificuldades expostas acima foram as únicas que enfrentamos durante toda a aplicação das atividades, fora elas, conseguimos manter todas as crianças participando das atividades e se divertindo. De um ponto de vista mais humanístico, era notável uma certa carência dos alunos em relação a atenção, uma vez que para eles parecia ser muito importante e aliviador apenas conversar sobre qualquer assunto com alguém em qualquer oportunidade que tivessem. Nada que fosse prejudicial a continuação das atividades. Em relação à escola que nos recebeu, foi notável a liberdade que nos foi concedida para realizar nossa ação. A professora nos acompanhou em todos os momentos e, algumas vezes no auxiliou a acalmar a euforia da turma, mas sempre nos deixando conduzir toda a prática. Assim, nos sentimos bastante à vontade para trabalhar com autonomia e criatividade.

Para uma melhor compreensão dos dados observados durante essa pesquisa, preferimos organizá-los em duas categorias que ganharam destaque nas análises. A primeira categoria diz respeito a efetivação das práticas psicomotoras na educação infantil, no sentido de discutirmos se há essa efetivação na sala de aula e qual sua influência nesse segmento. A segunda categoria se refere a formação de professores, uma vez que esse ponto se mostrou de grande relevância para o estudo em questão.

A EFETIVAÇÃO DE PRÁTICAS PSICOMOTORAS E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante a experiência da visita dentro da sala, todo aspecto observável tornou-se, logo, parte da pesquisa. Por meio da atividade realizada foi possível notar o quão importante e, às

vezes negligenciado, é o trabalho da psicomotricidade nas salas de aula. Oportunizar ações que trabalhem o corpo, a mente e as emoções de forma criativa tende a atrair ainda mais a atenção e o interesse das crianças pelas mesmas. Na visão de Silva (2004, pg. 26):

Ensinar por meio de jogos é um caminho para o educador desenvolver aulas mais interessantes, descontraídas e dinâmicas, podendo competir em igualdade de condições com os inúmeros recursos a que o aluno tem acesso fora da escola, despertando ou estimulando sua vontade de frequentar com assiduidade a sala de aula e incentivando seu desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem, já que aprende e se diverte, simultaneamente.

Ainda assim, fica claro, a partir dessa experiência, que a psicomotricidade infelizmente não é oportunizada de maneira proveitosa nessa modalidade. Como a responsabilidade de trabalhar os aspectos da formação integral acaba ficando apenas a cargo dos professores da sala regular, é, muitas vezes, negligenciada devido à grande demanda que os mesmos têm de cumprir em relação às exigências do currículo escolar. Todavia, vale frisar que uma das principais funções da educação Infantil, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010, pg. 25), é “propiciar experiências embasadas no direito de brincar e de interagir com o meio e com o outro, a fim de promover um desenvolvimento integral considerando as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas da criança.”

Dessa maneira, as práticas psicomotoras possuem caráter substancial na educação infantil, uma vez que trabalham de forma significativa as singularidades dos sujeitos que a compõe. Por meio dessas práticas oportuniza-se um processo de desenvolvimento rico para as crianças que, além de se divertirem, aprendem e se relacionam de forma muito proveitosa. Implementar tais ações no planejamento escolar é garantir um direito genuíno às crianças de 0 à 5 anos e garantir também a chance de experimentar o mundo à sua volta, conhecendo a si mesma e ao outro, entendendo suas limitações, necessidades, habilidades e possibilitando o desenvolvimento de sua autonomia e independência. Não se deve priorizar o desenvolvimento apenas do intelecto e nem tampouco esquecê-lo, mas é preciso que as ações da escola, numa perspectiva geral, fomentem a utilização da motricidade associada a ludicidade.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES

A partir da discussão acima, é notória a importância que a psicomotricidade e a ludicidade tem no desenvolvimento infantil. Para tanto, para se trabalhar tais questões dentro da sala de aula é indispensável que os professores sejam assíduos quanto ao conhecimento e ao domínio das práticas aqui tratadas. Assim, cabe aqui discutirmos acerca de um viés pertinente que diz respeito à formação dos professores. De acordo com o que foi observado nessa prática

e também extraído de nossa vivência pessoal enquanto pedagogas em formação, constatamos que somente a formação inicial do docente não é suficiente, já que existem poucas disciplinas na graduação que tratam desse tema e aquelas que tratam, geralmente, não são obrigatórias. Além disso, vale salientar que estamos em um contínuo processo de modificação e de atualização, o que pede que estejamos também constantemente nos atualizando e aprimorando nossos conhecimentos. NÓVOA (1995, pg. 27) irá defender uma formação continuada para os professores ao apontar que “as situações que os professores são obrigados a enfrentar apresentam características únicas, exigindo, portanto respostas únicas” (1995, p. 27). Nesse sentido, é preciso que o professor viva um processo de desenvolvimento contínuo, que ele se veja como um eterno aprendiz, já que deve “acompanhar a mudança, rever e renovar os seus próprios conhecimentos, as competências e as perspectivas sobre o ensino e a aprendizagem” (BEHRENS, 2007, p. 452)

Uma formação exígua acaba se tornando um fator intensificador dessa negligência, uma vez que o professor se sente despreparado para trabalhar alguns aspectos essenciais para essa etapa da vida. Essa carência na capacitação dos profissionais da educação também acaba perpetuando o modelo tradicional de ensino voltado apenas para o desenvolvimento do cognitivo. Alguns professores acabam por incorporar a ideia de que a educação infantil é apenas uma fase de preparação para o ensino fundamental, uma espécie de antecipação da fase de alfabetização. Essa perspectiva pode apresentar-se perigosa, pois, ao tratar a criança apenas como um indivíduo que precisa ser alfabetizado, o professor acaba menosprezando a singularidade da educação integral. Assim, é de fundamental importância que os professores dessa modalidade tenham acesso a uma formação continuada e robusta no que se refere aos principais referenciais que compõe a educação infantil. O docente tem que estar apto a tratar qualquer assunto pertinente a esse ciclo escolar, uma vez que nele deve acontecer a educação integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visita aqui descrita trouxe um conhecimento prático muito importante para nossa formação enquanto futuras pedagogas, uma vez que viabilizou a articulação entre o conteúdo visto em sala e o estudo do cenário prático. Ademais, a partir da vivência no lócus da sala de aula, os alunos da disciplina foram instigados a planejar suas próprias atividades, proporcionando, assim, o desenvolvimento de sua autonomia e de sua criatividade como futuros pedagogos. Isso nos remete novamente à questão da formação dos professores, de forma que se mostrou de grande relevância que nos cursos de graduação sejam oportunizadas mais ações

como essas, que levam o aluno a ver, na prática, aquilo que ele discute constantemente em sala de aula. Foi perceptível que, somente a formação teórica é vazia e perde o sentido se não for articulada à prática. O embasamento teórico é necessário, mas a prática revela a realidade e nos leva a compreender que na vivência prática existem atenuantes que estão fora do controle da teoria e que só pode ser contemplados quando vividos.

A partir do que foi apresentado neste trabalho percebemos que a implementação de práticas que trabalhem as questões da formação integral é de uma magnitude irrefutável. Uma ação pedagógica que envolve a afetividade, a motricidade e a cognição de forma lúdica favorece a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Além disso, a prática ganha ainda mais força, uma vez que causa um sentimento de satisfação e de prazer ao realizar as atividades.

Ademais, se torna indispensável que haja uma formação continuada dos profissionais da educação para que essa implementação ocorra de forma satisfatória. O professor é responsável por criar situações nas quais os jogos e as brincadeiras possam ser incorporadas de maneira a favorecer uma atividade satisfatória e rica em mecanismos disparadores do desenvolvimento infantil. Para isso, o professor precisa estar preparado e essa preparação deve ocorrer articulando a teoria e a prática de forma concomitante. É necessário destacar aqui que não queremos culpabilizar o professor ou taxa-lo como intencionalmente negligente. Compreendemos que a formação oferecida pelos cursos de graduação são precárias e que o governo deveria se comprometer em oferecer uma formação continuada em serviço e de qualidade para esses profissionais. Mas além do comprometimento dos órgãos públicos deve-se ter também o comprometimento por parte do docente em buscar meios para seu crescimento profissional.

São muitos os desafios a serem vencidos para que se alcance um sistema de ensino exitoso e para que se promova uma educação de qualidade que alcance a todos. Mas por onde começar? O primeiro passo deve ser dado ainda no início de todo processo, na decisão de ser ou não professor. É imprescindível que, aquele que decida seguir a profissão docente tenha em mente o porquê fazê-lo para que se comprometa ferozmente em exercê-la mediante tantas objeções. Em seu texto “Professora sim, tia não”, ao tratar da importância do comprometimento para com o exercício da docência, FREIRE (1997, pg. 8) aponta que “é preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo [...]”. Assim, é necessário que se crie a consciência e o comprometimento com a escolha da profissão para que se empenhe

na luta diária pelos direitos e deveres dos educadores e dos educandos e para que se possa promover um ensino de qualidade, com responsabilidade e respeito.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Psicomotricidade, 1999. Disponível em <<https://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade/>> Acesso em 03 de dezembro de 2018

BEHRENS, Marilda A. **O paradigma da complexidade na formação e no desenvolvimento profissional de professores universitários.** Revista Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3(63), p. 439-455, set./dez. 2007. Disponível em: < www.revistaseletronicas.pucrs> Acesso em setembro de 2019.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacional para Educação Infantil.** Disponível em <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>> Acesso em novembro de 2018

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> . Acesso em novembro de 2018

CARVALHO, A.M.C. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física.** São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não.** São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon. Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Editora vozes. 23ª edição, 1987.

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky.** Tradução de José Eustáquio Romão; organização de Edgar Pereira Coelho. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. 340 p

MOREIRA, W. W. (Org.). **Corpo presente.** Campinas: Papirus, 1995.

NÓVOA, António. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SILVA Jr., S. C. **Fisiologia e Manejo da dor.** In R. R. Kerbauy (Org.), Sobre Comportamento e Cognição: Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico (pp.133-138). Santo André, SP: SET.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente.** 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

ⁱ Atividade avaliativa realizada na disciplina de Psicomotricidade do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará.